

1ª questão – valor: 2,0

O trecho a seguir, escolhido por Lima Barreto como epígrafe para introduzir sua obra, TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA, comenta o confronto entre o ideal e o real:

"O grande inconveniente da vida real e o que a torna insuportável ao homem superior é que, se transportamos para ela os princípios do ideal, as qualidades passam a ser defeitos, de tal modo que, na maioria das vezes, o homem íntegro não consegue se sair tão bem quanto aquele que tem por estímulo o egoísmo ou a rotina vulgar."

(Renanm Marc-Aurele)

a) Cite dois episódios do livro em que o comportamento idealista de Policarpo é ridicularizado por outras personagens.

b) Considerando-se a epígrafe citada, como pode ser analisada a trajetória de Policarpo Quaresma?

2ª questão – valor: 2,0

MEUS SETE ANOS

Papai vinha de tarde

Da faina de labutar

Eu esperava na calçada

Papai era gerente

Do Banco Popular

Eu aprendia com ele

Os nomes dos negócios

Juros hipotecas

Prazo amortização

Papai era gerente

Do Banco Popular

Mas descontava cheques

Na literatura brasileira, a idade de oito anos é tomada como referência a uma infância harmoniosa.

No poema de Oswald de Andrade, essa referência está considerada no título e recebe um tratamento que revela um traço característico do Modernismo brasileiro.

Identifique esse traço, justificando sua resposta.

3ª questão – valor: 2,0

Considere os textos a seguir.

TEXTO A

"Estou farto do lirismo comedido

Do lirismo bem comportado

[...]

Quero antes o lirismo dos loucos

O lirismo dos bêbedos

O lirismo difícil e pungente dos bêbedos

O lirismo dos clowns de Shakespeare

- Não quero mais saber do lirismo que não é libertação."

(Manuel Bandeira. "Poética")

TEXTO B

"Assim eu queria o meu último poema

Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e menos intencionais

Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas

Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume

A pureza da chama em que se consomem os diamantes mais límpidos

A paixão dos suicidas que se matam sem explicação."

(Manuel Bandeira. "O último poema")

Tendo em vista os trechos acima, faça o que se pede.

a) Cite e comente uma proposta poética que apareça tanto no texto A quanto no B.

b) A partir da proposta poética apresentada, aponte dois recursos formais que confirmam esta proposta, comentando-os.

4ª questão – valor: 2,0

Trechos da entrevista de Jacob Needleman à "Revista Superinteressante", Editora Abril, julho de 2001.

JACOB NEEDLEMAN

O filósofo americano diz que dinheiro não traz felicidade e explica como é possível viver sem dar tanta importância à conta bancária.

SUPER - Por que é tão difícil lidar com dinheiro?

NEEDLEMAN - O dinheiro reflete nossa imaginação, nossos desejos, necessidades e temores. Ele é nossa principal tecnologia social, por meio da qual vivemos hoje. Se somos sugestionáveis e vulneráveis ao que dizem e pensam os outros, o dinheiro espelhará tudo isso. A angústia que sentimos em relação ao dinheiro é reflexo da angústia que sentimos em relação a nós mesmos.

SUPER - Por que ele tem esse poder?

NEEDLEMAN - O dinheiro foi inventado para facilitar trocas entre as pessoas. O detalhe é que muitas coisas que não podiam ser medidas em termos monetários hoje têm preço. É o caso do cuidado com os filhos. As pessoas saem pra trabalhar e deixam os filhos com profissionais. Outros não têm tempo nem para a amizade e, quando querem falar dos problemas, têm de pagar um terapeuta. O dinheiro virou instrumento para aferir até nosso amor-próprio. Aqui nos Estados Unidos dizemos: "Quanto vale essa pessoa?" Há algum tempo, isso seria loucura. O dinheiro por si mesmo não proporciona felicidade. Ele dá prazer, alguma sensação de segurança. Mas, com o passar do tempo, percebe-se que ele não alimenta nossa alma. Temos de tratá-lo como um meio, não como um fim. Mas, para isso, temos de ter um fim, um objetivo. Só somos felizes quando a vida tem um significado. Transformar o dinheiro em nosso único objetivo é como comer comida com gosto de plástico.

SUPER - E por que tanta gente ainda acredita que o dinheiro traz felicidade?

NEEDLEMAN - As pessoas procuram algo que confira um significado a suas vidas. E muitas das coisas que antigamente se acreditava trazer felicidade perderam poder: religião, espiritualismo, filosofia ou mesmo arte. Todos precisamos de dinheiro, assim como de ar, de alimentos e convívio social. Sim, porque ninguém pode se mudar para uma floresta e viver sozinho. As forças da cultura são fortes demais. Não podemos simplesmente abandonar a sociedade, nem abrir mão do que temos, da tecnologia. [...]

SUPER - Qual a influência do dinheiro sobre as emoções?

NEEDLEMAN - Nossa cultura nos faz crer que coisas materiais podem nos fazer felizes, mas elas dão apenas um prazer superficial. Prazer é diversão, não perdura, é diferente de felicidade. Precisamos dessas coisas, mas a sociedade capitalista em que vivemos cria desejos para que haja sempre mais demanda. Pelos menos 75% dos produtos disponíveis hoje são dispensáveis.

a) O primeiro parágrafo do texto de Mário de Andrade faz referência a dois tipos de felicidade. Indique quais são eles e explique com qual deles se relaciona a noção de felicidade de Jacob Needleman apresentada na entrevista transcrita.

b) O texto de Mário de Andrade é narrado em primeira pessoa. O protagonista caracteriza a sua família a partir de uma visão subjetiva das relações entre os seus membros. Correlacione essa visão com o comportamento transgressor do personagem narrador, indicado pelo uso de expressões como "louco" e "doido".

5ª questão – valor: 2,0

São Paulo 10 de Novembro, 1924

Meu caro Carlos Drummond

(...) Eu sempre gostei muito de viver, de maneira que nenhuma manifestação da vida me é indiferente. Eu tanto aprecio uma boa caminhada a pé até o alto da Lapa como uma tocata de Bach e ponho tanto entusiasmo e carinho no escrever um dístico que vai figurar nas paredes dum bailarico e morrer no lixo depois como um romance a que darei a impassível eternidade da impressão. Eu acho, Drummond, pensando bem, que o que falta pra certos moços de tendência modernista brasileiros é isso: gostarem de verdade da vida. Como não atinaram com o verdadeiro jeito de gostar da vida, cansam-se, ficam tristes ou então fingem alegria o que ainda é mais idiota do que ser sinceramente triste. Eu não posso compreender um homem de gabinete e vocês todos, do Rio, de Minas, do Norte me parecem um pouco de gabinete demais. Meu Deus! se eu estivesse nessas terras admiráveis em que vocês vivem, com que gosto, com que religião eu caminharia sempre pelo mesmo caminho (não há mesmo caminho pros amantes da Terra) em longas caminhadas! Que diabo! estudar é bom e eu também estudo. Mas depois do estudo do livro e do gozo do livro, ou antes vem o estudo e gozo da ação corporal. (...) E então parar e puxar conversa com gente chamada baixa e ignorante! Como é gostoso! Fique sabendo duma coisa, se não sabe ainda: é com essa gente que se aprende a sentir e não com a inteligência e a erudição livresca. Eles é que conservam o espírito religioso da vida e fazem tudo sublimemente num ritual esclarecido de religião. Eu conto no meu "Carnaval carioca" um fato a que assisti em plena Avenida Rio Branco. Uns negros dançando o samba. Mas havia uma negra moça que dançava melhor que os outros. Os jeitos eram os mesmos, mesma habilidade, mesma sensualidade mas ela era melhor. Só porque os outros faziam aquilo um pouco decorado, maquinizado, olhando o povo em volta deles, um automóvel que passava. Ela, não. Dançava com religião. Não olhava pra lado nenhum. Vivia a dança. E era sublime. Este é um caso em que tenho pensado muitas vezes. Aquela negra me ensinou o que milhões, milhões é exagero, muitos livros não me ensinaram. Ela me ensinou a felicidade. (ANDRADE, Mário de. "A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade." Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982, pp. 3-5.)

"Inúmeros são os casos de troca de correspondência entre artistas, escritores, músicos, cineastas, teatrólogos e homens comuns em nossa tradição literária. Mário de Andrade, por exemplo, foi talvez o maior de nossos missivistas. Escreveu e recebeu cartas de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Tarsila do Amaral, Câmara Cascudo, Pedro Nava, Fernando Sabino, só para citar alguns. O conjunto de sua correspondência não só nos ajuda a conhecer o seu pensamento, seus valores e sua própria vida, como também entender boa parte da história e da cultura brasileira do século XX."

DINIZ, Júlio. "Cartas: narrativas do eu e do mundo" In "Leituras compartilhadas - cartas". Fascículo especial 2, ano 4. (Rio de Janeiro: Leia Brasil / Petrobras, 2004, p.10).

A partir da leitura do trecho da carta de Mário a Drummond e do comentário anterior, responda aos seguintes itens:

a) Percebe-se na carta uma crítica direta a uma certa postura elitista em relação à arte e à vida de grande parte da intelectualidade brasileira da época. Retire do texto duas passagens que comprovam tal afirmação.

b) Comente, com suas próprias palavras, a visão que Mário de Andrade possui das manifestações estéticas oriundas do povo.